

PASCHOALINO 2000

Comentário analítico feito por José Facury Heluy

21 de julho de 2000 – (Sexta-Feira)

Começou o 23º Festival Estadual de Teatro da FETAERJ – PRÊMIO PASCHOALINO 2000.

O presidente, Josué Soares, apresentou para 180 artistas participantes e mais 150 convidados, o vídeo do 22º Festival, realizado em Nova Iguaçu, depois chamou os demais membros da diretoria que, de forma descontraída, anunciaram os parceiros da empreitada: **a Funarte** que, representada na pessoa do Sr. Humberto Braga, destacou o trabalho contínuo da Federação e a necessidade da construção de parcerias para a reforma da Aldeia de Arcozelo; a Secretária de Educação da **Prefeitura de Paty do Alferes**, Margarete Teixeira que falou em nome do Prefeito Eurico Júnior, impossibilitado por conta da lei eleitoral, da importância de ver a Aldeia viva e alegrada pela presença dos artistas de todo o Estado; Marcelo Basbus Mourão, Presidente da **Sociedade dos Amigos da Aldeia**, que convidou a todos para o carinhoso abraço a Aldeia, no domingo. Foi citado, também, a importância do **Governo do Estado**, através da participação da Secretaria de Estado de Cultura, nas pessoas do Secretário Adriano de Aquino e os Sub-Secretários Antonio Grassi e José Leon.

Terminada a formalização da abertura oficial do evento, os artistas, os convidados e demais participantes, dirigiram-se para o campo de futebol da Aldeia onde foi apreciado o espetáculo convidado:

UMA SIMPLES REALIDADE, com alunos de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Londrina.

Imagens ancestrais, vínculo primordial com um ritual de casamento provinciano, através do grito rural do campanário, dos noivos e convidados, nos proporcionou uma beleza plástica ímpar, sem, contudo, nos levar a considerar a performance acrobática das pernas de pau. Teatro puro e difícil de ser executado até evoluir ao pocket show, onde a partir dali, o mais importante era mostrar o que pôde ser feito com o interessante recurso circense. Ótimo como exercício das possibilidades de utilização da perna de pau, em se tratando de alunos da Universidade, porém a ação dramática se perde e a chuva realista acaba, também, nos mostrando mais um desafio e mais possibilidades de utilização das pernas artificiais. O clima do drama só retorna ao final, quando os convidados se retiram e o solitário tocador do campanário volta ao seu silêncio. Nos acalientaria sobremaneira, se ao invés do pocket as possibilidades fossem mostradas com mais teatro no miolo do espetáculo.

Dia 22 de julho (Sábado)

17 horas – Teatro Itália Fausta

O TRABALHADOR, com a Companhia do Teatro do Oprimido (Rio de Janeiro).

A pesquisa cênica de interferência e conscientização do Boal e as técnicas do Teatro do Oprimido, podem e devem ser consideradas como precursoras de uma grande mudança, através do teatro, dos usuais e carcomidos discursos políticos de caráter ideológico e aulas enfadonhas. Os políticos e educadores ainda não se aperceberam da força que o teatro tem, tanto na conscientização comunitária como em sala de aula, e o grupo prova isso quando realiza o seu trabalho. A aparente simplicidade da encenação tem o objetivo de deixar bem claro o perfil dos personagens que, apesar de algumas indefinições dos tipos, acaba dando o gancho necessário para a dinâmica interativa. Porém o que há de mais desinteressante no discurso político, permanece no espetáculo que conduz subjetivamente a proposta: o maniqueísmo panfletário. Apesar de um didatismo evidente no início do espetáculo, onde poderia apostar um pouco mais na inteligência da platéia e só explicar a dinâmica no momento da interferência, a boa performance coloquial da animadora conduz com maestria o jogo, colocando a platéia predisposta a fazer as reflexões críticas necessárias e interferir, transformando a ação sugerida.

21 horas – Teatro Renato Vianna

A VACA, com os Ciclomáticos (Niterói).

O grande desafio da escolha de um texto para a montagem é o exercício de uma leitura consciente da sua temporalidade. O texto de Marcílio Moraes, hoje, acaba sendo datado para o momento da sua criação na década de setenta: o autoritarismo familiar e do estado militarizado acentuava as dificuldades da sociedade de se livrar dos dogmas e conceitos estabelecidos. Era preciso uma quebra desses valores e o teatro, dessa época, usava as metáforas e alegorias necessárias para estabelecer a discussão. Pela atual dinâmica social, o texto envelheceu e ficou naqueles tempos. Nem a excelente montagem de Os Ciclomáticos conseguiu tirar as amarras do texto. O jogo cênico e as interpretações na linha expressionista para os personagens mais velhos, muitas das vezes, brilhantes, acabavam por acentuar a temporalidade do texto, tornando-o caricato para hoje. A interpretação realista nos personagens jovens, em alguns momentos nem tão delineados, também denunciava a datação do texto. Contudo, temos que aplaudir de pé o resultado do trabalho de um grupo que chegou próximo da busca da sua linguagem e se o mesmo conseguir desenvolver alguns cortes no espetáculo, que denunciavam a velhice do texto, sem dúvidas que **A VACA** alcançará mugidos bem mais altos.

Dia 23 de julho (Domingo)

17 horas – Centro Cultural de Paty do Alferes

REPÚBLICA 111, com o GATVC (Três Rios).

Ao se fazer a análise de um trabalho teatral deve-se ter sempre em mente a isenção da forma que o analisador acredita ou gosta e, em cima da proposta objetiva do elenco, partindo dos recursos e elementos que o grupo dispõe em cena, fazer a análise das possibilidades técnicas e artísticas básicas que a encenação apresentou. Um texto narrativo e conceitual como o da República 111, onde em nenhum momento aparece o menor resquício de conflito dramático, acaba por exigir do encenador amplo conhecimento do jogo cênico através de uma aprofundada leitura corporal e gestual, para que esse jogo busque, não só a plástica, mas, os signos teatrais necessários que o espetáculo tentou trabalhar ao longo da sua montagem. As imagens e momentos musicais construídos são tênues, enquanto força dramática, apesar do empenho e jovialidade do grupo, que tenta, a todo custo, representar bem o que lhe foi sugerido. Porém, o mais grave é como o espetáculo termina, que tentando ser crítico aos políticos, acaba por atingir com “ bananas de braço” todo um processo democrático. Este é o perigo de uma leitura rasa de um texto conceitual, onde acaba por transparecer os preconceitos e os moralismos que sempre desvirtuam aquilo que a montagem quis nos dizer.

21 horas - Teatro Renato Vianna

RI MELHOR QUEM RI BARATO, com o Grupo Ofício ou Sina de Teatro (Rio de Janeiro)

O Prêmio Paschoalino 2000 já começa a apresentar uma diversidade de linguagens que representa, emblematicamente, a historiografia cênica do Estado. O Grupo há alguns anos vêm investindo na comédia, tendo como esteio o teatro de revista tão em voga na primeira metade do século, naquelas épocas interpretado por comediantes, vedetes e coristas. Hoje, apropriado por farsescos transformistas, onde o importante não é o show musical em si, mas as possibilidades performáticas dos atores, contando e recontando pequenos esquetes que acabam por criar um público sempre disponível a consumir tal produto cultural. O espetáculo segue nessa linha, sem apresentar novidades e, dentro dessa concepção, consegue a empatia, puxando em vários momentos o riso da platéia, muito mais por conta do destacado trabalho do ator Paulo Medeiros, tanto nos provocativos pontos de platéia, como no tempo da comédia e composição dos personagens. Algumas falhas de texto ou dificuldades de improvisação dos outros dois atores retardam em alguns momentos o ritmo da comédia. O que nos fica bem evidente é que o grupo tem amplas condições de mergulhar nessa linguagem, por ter condições para tal, lhe faltando apenas uma pesquisa mais apurada na história e estrutura do teatro de revista para ter maior consciência da linguagem.

Dia 24 de julho (Segunda-Feira)

17 horas – Centro Cultural de Paty de Alferes

DELÍRIO A DOIS, com a Cia. de Teatro Sol Lemberg (Rio de Janeiro)

A princípio, os textos de Eugène Ionesco, por acentuar na sua construção dramática o jogo dos signos, me parece não ser fácil caber colagens, mesmo das suas obras, pois se abre uma tendência a diluir o arquétipo dos personagens, tornando-os frágeis e sem consistência nas possíveis leituras subjetivas que o público possa fazer sobre a desconstrução da palavra. O jogo cênico da subjetividade do absurdo de Ionesco, não está na interpretação rasa do termo que nós brasileiros damos, mas sim, na palavra **absurdo** como sendo “a desconexão entre o pensar, agir e falar”. Sendo assim, não nos parece caber achados fáceis e desprovidos das intenções que permeiam o universo dos seus personagens. Efeitos cênicos, pirotecnia, composição linear (quebrada por momentos de piração naturalista), não contribuem para pontuar uma montagem de teatro do absurdo. Sugerimos ao grupo que mergulhe um pouco mais, não só nas obras teatrais de Ionesco, mas também, nos seus escritos, que procuram explicar para quem, para quê e por quê o autor enveredou por esse caminho. Enfim, entender as estruturas psicológica e ideológica da sua dramaturgia.

21 horas - Teatro Renato Vianna

ROSA E BECKET, com a Cia. Teatral (Cabo Frio)

A história do teatro é tão antiga e tão cheia de experimentações, que, dificilmente, alguém poderá dizer que está descobrindo algo novo. O novo no teatro será sempre o seu arquétipo redivivo em qualquer tipo de espaço cênico. Entretanto, experimentar com consciência o que poderá ultrapassar os limites das regras de comunicação, não só as da cultura contemporânea, mas as básicas, no que diz respeito à simultaneidade, parece ser a grande bandeira que o Grupo propõe. Ou seja: não é preciso superpor os dois textos e as quatro cenas, porque o público pode centrar a sua atenção aonde quiser. Ele fica em pé, se mantém passivo diante das cenas ou se desloca, conforme sua conveniência ou interesse. Não é preciso ressaltar cenicamente eixos e ganchos dramáticos, nem em Samuel Becket nem em Guimarães Rosa, e também, não importa que se entenda nem um nem outro conflito. Poderia ser qualquer texto ou pretexto que amarrasse a cena eixo, de conteúdo judaico-cristão. O que importa é o sentimento; a proposta é que platéia procure a sua referência e mergulhe na essência do espírito inquietante da montagem. A instalação ambiental sugerida, poderia ter sido limitada com recortes de iluminação mais definidos ou com o número de espectadores reduzido, para que todos pudessem ter uma visão mais global da experiência.

Dia 25 de julho (Terça-Feira)

17 horas – Centro Cultural Paty do Alferes

A VIDA É SONHO, com o Grupo de Risco (Rio de Janeiro).

O autor espanhol, Calderon de La Barca, viveu no século XVII, onde ainda não havia sido instituído a moralidade vitoriana na sociedade. Portanto, a sua abordagem original cabe em qualquer platéia, exatamente porque nesta época, o teatro era a grande diversão de todas as famílias que se deslocavam para as praças cênicas, levando, inclusive, os recém-nascidos. A necessidade era, sempre, de levar o povo a questionar as vicissitudes dos soberanos, por isso a eterna presença de temas com príncipes, reis e a licença poética que os autores abriam aos bobos da corte. A adaptação soube extrair o essencial e, felizmente, não usou a linguagem infantilóide tentando atingir a criança, até porque o texto já o atinge sobremaneira. O grupo soube montar um espetáculo bem cuidado e bem interpretado, só nos transpareceu uma dúvida, o espetáculo começa com uma imagem de pulsação corporal que anunciava uma concepção contemporânea e a sua continuidade trabalha com um diagrama de marcações frontais, acentuada, ainda mais, nos momentos musicais. A formalidade da marcação só é cortada pela intervenção anárquica do bobo da corte, e a direção poderia investir mais nesse jogo, no sentido de buscar maior ludicidade, principalmente nos momentos de aconselhamento comportamental do autor.

21 horas – Teatro Renato Vianna

MÃE PORRA LOUCA, com o Grupo DJOTA (Maricá)

A contribuição subjetiva de Dário Fo para a dramaturgia universal reside, principalmente, no perfil do estado psicológico das minorias massacradas. Ao mesmo tempo sugere, a partir das reflexões textuais, as diversas possibilidades de libertação das amarras opressivas. Na concepção cenográfica do Grupo Djota, espalhada por toda a platéia, sentiu-se, a princípio, essa sensação, mas que não teve, durante o espetáculo, maiores funções, inclusive para acompanhar o desenvolvimento do drama da personagem. As responsabilidades de se montar um monólogo são sempre muito grandes, porque não se pode criar artifícios para complementar aquilo que faz parte da composição do trabalho do ator, senão corremos o risco de deslocarmos o processo de encontro interior para o externo, diluindo a força visceral da interpretação. Foi nessa teia que o trabalho se emaranhou, desde o início, quando não nos trouxe o clima de que a personagem estava entrando na igreja para refugiar-se da polícia, apesar de tê-lo dito. A campanha para pontuar a intervenção do padre não teve a reação diferenciada da personagem nos diversos momentos, e acabou se tornando inócua e sem força dramática. A montagem prosseguiu no mesmo tom coloquial, sem nuances e alternâncias. E a libertação das tais amarras sugeridas pelo texto, ficou só na intenção, sem a tensão necessária para promover a transformação consciente da personagem.

Dia 26 de julho (Quarta-Feira)

21 horas – Teatro Renato Vianna

GETSÊMANI, com o Grupo Ovelhas Negras/Párias (Rio de Janeiro)

A Bíblia Sagrada e todos os seus livros sempre ofereceram e continuarão a oferecer argumentos e leituras das mais variadas para qualquer tipo de expressão artística, e foi exatamente nessa adversidade que o dogma e o ante-dogma cristão se constituiu. Nesse eixo conflituoso, o GETSÊMANI, nos trouxe um recorte da passagem do novo evangelho, mostrando o lado literal e sua antítese crítica. Já que se abriu na adaptação a possibilidade de elementos instigantes, uma pesquisa mais precisa se tornaria necessária, inclusive nos evangelhos apócrifos, com o sentido voltado a fugir da tendência unilateral da proposta textual. Contudo, todas as possibilidades gestuais dos atores, baseadas no limite da extensão corporal e do controle do limite emocional, acabou tecendo um espetáculo com uma linguagem plástica de pulsação, em muitas das cenas, de beleza incomum, e em outras, fora do contexto lírico implícito, tornando o espetáculo monolítico. Uma escada ao fundo da cena em nenhum momento foi utilizada e a tênue emissão vocal do elenco, na maioria das vezes, abafada pela sonoplastia, acabou por tornar algumas falas inaudíveis, talvez por não ser uma montagem para palco italiano e sim com o público inserido na cena. Finalizando, o espetáculo lembrou-nos um Jesus Cristo Super Star mais visceral, pontuado por um expressionismo desconstrutivista.

Dia 28 de julho (Quinta-Feira)

17 horas – Centro Cultural de Paty do Alferes

DESCAMINHOS ADOLESCENTES, com o grupo Gene Insano (Araruama)

O que para alguns é um modismo teatral, a partir da visão simplista da febre aberta com Confissões de Adolescentes, para mim trata-se da necessidade de expressão de grupos de jovens envolvidos com o teatro, desde a década de setenta, e que se reveste de uma importância singular, principalmente quando os mesmos debruçam sobre as suas questões, dúvidas e relacionamentos. Nada como jovens trabalharem com a reflexão crítica do seu meio, por estarem continuamente a mercê em muita das vezes de famílias sistêmicas, educação amorfa e mídia massacrante. O teatro e todas as discussões que a sua construção necessita, por si só, já os torna envolvidos nesse tipo de digressão, por isso, o questionamento deve ser constante, inclusive tomando cuidado para não cometer equívocos relacionados a textos que reforçam discursos preconceituosos ou panfletários. O espetáculo do grupo aponta nesse sentido, inclusive com tipos chapados e leitura comportamental que atravessa de, no mínimo, três gerações anteriores. O vigor que a música, antes do início emite à platéia não é correspondido no trabalho atoral ao longo do espetáculo. O desdobramento cenográfico, com o grafismo nos cubos, além de confuso e com manipulação ainda incipiente, acentua para quebrar o ritmo e dificulta o resgate da energia necessária ao elenco para atingir a platéia. A indicação é que o grupo não desista da sua empreitada

e procure pesquisar mais a construção de tipos, a partir das suas observações do cotidiano, mas que também estão na literatura, na cinematografia e mesmo na dramaturgia universal contemporânea.

21 horas – Campo de Futebol da Aldeia de Arcozêlo

COMO NASCE UM CABRA DA PESTE, com a Cia.Quantum (Três Rios)

A cultura essencialmente popular do Brasil, sempre foi cheia de registros de mais rara beleza, exatamente porque, extraída das crendices, das situações hilárias do dia a dia e do comportamento ingênuo do povo, acaba oferecendo, quase que sempre, material de primeira grandeza para a dramaturgia nacional. Apesar de já ter tido um lugar mais significativo no cenário teatral, hoje em dia acha-se segregado a uma classificação preconceituosa chamada de regionalismo. A montagem do grupo, sem subterfúgios simbolistas, captou exatamente o que há de mais belo no material proposto: a simplicidade e o arquétipo da alma brasileira, naquilo que ela tem de mais puro. O terreiro cênico proposto, para espaço aberto, de uma roda de feira nordestina, foi eficientemente trabalhado, com postura, gesto e emissão de voz, atingindo todas as cordas do círculo, dando ao mesmo tempo uma ambientação de terra seca batida, que se complementava com o figurino e os elementos cenográficos. A caracterização dos personagens, e a máscara facial, em conjunto com as interessantes pontuações musicais, evidenciaram a caracterização farsesca da montagem. O trabalho do grupo, me obriga a levantar uma bandeira, que considero de maior importância para o nosso movimento. É preciso que comecemos a fechar o cerco contra a descaracterização cultural que acontece no interior do Estado do Rio de Janeiro, por conta da acomodação televisiva e da alienante missão das seitas pentecostais na evangelização preconceituosa, pautada no extermínio da expressão cultural dos nossos brincantes populares.

15 horas – Refeitório da Aldeia de Arcozêlo

SUA ALTEZA, A DUVINHA com o grupo Creche na Coxia (Cabo Frio)

A opção, para o movimento, da construção de trabalhos com linguagem voltada para qualquer tipo de espaço, desprovido de estrutura técnica, me parece de singular significância, exatamente para irradiação comunitária da sugestão que finalizo na análise anterior. Para concretizar o objetivo, o espetáculo, após construir a sua forma, deverá se adaptar ao lugar, utilizando os recursos disponíveis para uma visualização integral. A montagem apresentada no festival escolheu um espaço que ganha em acústica, mas perde em acolhimento, apesar de fechá-lo com uma arquibancada improvisada com as mesas. A adaptação constrói um material dramático de singular qualidade, que favorece o jogo em cima de reconhecermos o perfil dos personagens, através das advinhas, em que o sistema coringa ora favorece, ora parece dificultar a concepção, mas que na sequência, evidenciado pela ludicidade dos jogos infantis, que caracteriza a composição geral, nos fazendo retomar o fio da meada, em uma envolvente advinha. Um dos pontos altos do espetáculo é o *trouvaille*

cenográfico, com a minuciosa utilização dos panos que adereçam e cenografam os ambientes. Outro destaque de importância é a criação musical que, costurando os momentos precisos de complemento narrativo ou efeito sonoro, jogam o espetáculo para cima. O trabalho atoral consegue nos levar a um jogo de composição no sistema coringa, destacando o trabalho de César Valentim que poderia continuar como o Louva Deus até o jogo da disputa nas cadeiras, voltando aí, à dinâmica anterior. Os cortes da magia que abrem espaço para as reações inusitadas dos atores, algumas vezes, fora do tempo da comédia, não alcançam o efeito esperado. Apostar na inteligência das crianças e do público em geral é a grande tônica do espetáculo.

17 horas - Centro Cultural de Paty do Alferes

CANTOS E CONTOS–PAPÃO E OUTROS BICHOS com o Uivo Atra-zad (Niterói)

O texto trazido pelo grupo oferece um material interessante de resgate das histórias e lendas que permeiam o inconsciente coletivo do povo brasileiro, que ao atingir as crianças acabam por enraizar um tipo de medo, muita das vezes, incutidos nas pequeninas mentes, com o objetivo voltado à obediência. O espetáculo que pretendia desmistificar a questão, poderia ter alcançado vôos mais altos, se trabalhasse mais o jogo cênico, através de marcações que resgatassem as brincadeiras associadas aos mitos. Tudo fica no plano de uma narração frontal, explícita, e cenas que se redundam em uma cronologia que descaracteriza o mistério teatral. As bonitas formas animadas que aparecem por trás da cortina noturna, não se projetam o suficiente para que a visualização se torne plena. A musicalidade impressa ao espetáculo é muito bonita para promover o resgate das modinhas infantis, porém são dolentes demais e interpretadas às vezes com arrumação coralista, quebrando o ritmo teatral necessário para uma viagem ao mundo das fantasias que estão presentes no nosso mundo adulto e totalmente ausentes na criança de hoje.

Dia 29 de julho (Sexta-Feira)

ÁLBUM DE FAMÍLIA, com a Cia. Quantum (Três Rios)

Não é preciso falar de Nelson Rodrigues, a sua grande contribuição à dramaturgia brasileira extrapola o teatro e segue a trilha da eterna investigação das questões mais profundas do subconsciente familiar, que só necessitaria de um novo Freud para criar famosos “complexos”, como o psicanalista fez com as obras de Sófocles. Não é preciso falar de Nelson, mas é preciso falar de Rodrigo Portela que pega o dramaturgo e seu Álbum pela veia em um nível que só mestres da encenação sabem fazer e constrói não só um espetáculo, mas um estudo, uma aula e um diagrama de encenação que capta, exclusivamente, o universo que se agiganta a partir do próprio psiquê dos personagens, colocando-os para fora com uma regulada emoção, pronta a explodir à flor da pele dos personagens, do público e da energia pulsante que emana do palco. Como se não bastasse esse máximo, tem a iluminação que magistralmente acompanha o desenvolvimento da trama como se fosse um outro ator, um outro espetáculo, também com função essencialmente dramática. Aliás, agora vi, porém já

havia escutado algo igual nas lições teóricas do mestre Ziembinski, na época dos recursos de iluminotécnica ainda escassos. A sonoplastia também nos envolve a cada momento com precisão cinematográfica. Quanto aos atores e atrizes, como é bom quando ninguém quer brilhar fazendo Nelson, como é bom quando todos entendem o seu recado e digerem a concepção da direção sem estrelismos. E se não fosse o figurino deslocado e a longa “cenoclip” do final, teria sido difícil nos livrar da dor das nossas mazelas adquiridas, que ainda continuam sendo lavadas nas bacias das águas cristalinas do espetáculo.